



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF YVES RODRIGUES DUTRA

**O REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA NA DELIMITAÇÃO DA
FRONTEIRA BRASIL - BOLÍVIA**

**Rio de Janeiro
2019**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INF YVES RODRIGUES DUTRA

**O REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA NA DELIMITAÇÃO DA FRONTEIRA
BRASIL - BOLÍVIA**

Trabalho acadêmico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a especialização em Ciências Militares com ênfase em História do Brasil.

**Rio de Janeiro
2019**



**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO**

DECEX - DESMIL

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

(EsAO/1919)

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **Cap Inf YVES RODRIGUES DUTRA**

Título: **O REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA NA DELIMITAÇÃO DA
FRONTEIRA BRASIL – BOLÍVIA.**

**Trabalho Acadêmico, apresentado à
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais,
como requisito parcial para a obtenção
da especialização em Ciências
Militares, com ênfase em História do
Brasil, pós-graduação universitária lato
sensu.**

APROVADO EM _____/_____/_____ CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
JOBEL SANSEVERINO JUNIOR – Maj Cmt Curso e Presidente da Comissão	
JOSÉ WELLIITON SOARES ROCHA - Maj 1º Membro	
ÉVERTON CAMPOS PINHEIRO - Cap 2º Membro e Orientador	
YVES RODRIGUES DUTRA - Cap Aluno	

O REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA NA DELIMITAÇÃO DA FRONTEIRA BRASIL – BOLÍVIA

Yves Rodrigues Dutra*
José Welliton Soares Rocha**

RESUMO

Este artigo científico tem por finalidade analisar e entender o processo de delimitação de nossa fronteira, especificamente a fronteira Oeste, entre Brasil – Bolívia. Pesquisar sobre a importância da construção, por iniciativa da coroa portuguesa, do Forte Príncipe da Beira em 1775, reconhecido, nos dias de hoje, como uma das maiores fortalezas construídas por Portugal em solo brasileiro. Desde sua idealização, como forma de coibir invasões estrangeiras que buscavam riquezas, como o ouro, passando pelas dificuldades logísticas da época para sua construção, até sua consolidação e afirmação territorial como marco de garantia da proteção da fronteira diante de possíveis invasores. Este artigo procura concluir a real função da Fortaleza como obra militar para desempenhar a finalidade de proteção e delimitação do território colonial. Destacando figuras históricas como Dom Antonio Rolim de Moura, Capitão Luiz de Albuquerque de Melo Pereira de Mello e Cáceres, Dr. Domingos Sambocette e Ricardo Franco de Almeida, dentre outros que com coragem, bravura e inteligência puderam tornar real a construção do Real Forte Príncipe da Beira.

Palavras-chave: Delimitação; Fronteira; Forte Príncipe da Beira; História.

ABSTRACT

This scientific article aims to analyze and understand the process of delimiting our border, specifically the western border, between Brazil and Bolivia. Research on the importance of the construction of the Portuguese crown of Fort Prince of Beira in 1775, recognized today as one of the greatest fortresses built by Portugal. From its idealization, as a way of curbing foreign invasions that sought riches, such as gold, going through the logistical difficulties of the time for its construction, until its consolidation and territorial affirmation as a framework to guarantee the protection of the frontier against possible invaders. This article seeks to conclude the real function of the Fortress as a military work to fulfill the purpose of protection and delimitation of the colonial territory. Highlights include historical figures such as Dom Antonio Rolim de Moura,

Captain Luiz de Albuquerque de Melo Pereira de Mello and Cáceres, Dr. Domingos Sambocette and Ricardo Franco de Almeida, among others who with courage, bravery and intelligence could make real the construction of the Royal Fort Prince of Beira.

Keywords: Delimitation; Border; Fort Principe da Beira; Story.

* Capitão da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2009.

** Major da Arma de Infantaria. Bacharel em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em 2005. Pós Graduado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 2014.

1 INTRODUÇÃO

O território brasileiro é constituído, segundo o IBGE (2012), por uma área total de 85.157.67,049 km², sendo 7.367 km de fronteira marítima e 16.886 km de fronteira terrestre. Do seu descobrimento até os dias atuais, essas dimensões foram determinadas após séculos de negociações e tratados assinados principalmente entre as Coroas Ibéricas, mais especificamente Portugal e Espanha.

Remetemos ao século XV no ano de 1500, quando Pedro Álvares Cabral, Capitão – Mor da Expedição Portuguesa chegou ao litoral sul da Bahia, iniciando o processo de colonização da Coroa de Portugal. Iniciando então, a política de colonização do território recém-descoberto. (ARAÚJO, 2018).

Importante destacar a conjuntura política e econômica dos países europeus no século XIV. Conforme Bastos (2012), seguia – se um deficit do setor agrícola, declínio do ouro e prata, consequências da Guerra dos Cem anos e da Peste Negra. Destarte, os países europeus encontravam – se em declínio, à busca de novas fontes de recursos.

Tanto no litoral africano, como no Oriente, as iniciativas de penetração portuguesa mantiveram-se circunscritas a feitorias e armazéns, postos de permuta das valiosas especiarias e a algumas bases militares. A penetração pelo interior, a conquista da terra e a edificação de uma nova cultura não seriam realizadas no Oriente, mas no Ocidente. O verdadeiro império colonial português não estava nas Índias, mas no Brasil. Aqui, os portugueses fariam a bem-sucedida transição da conquista dos oceanos para a conquista da terra. E é nessa perspectiva que a colonização do Brasil se coloca: como desdobramento do mesmo impulso que cem anos antes havia levado o primeiro navegante a se arriscar ao mar de longe. Defendido arduamente e ocupado por um tipo humano resultante da miscigenação daquele português expansionista com o homem nativo, o Brasil seria hoje o legítimo herdeiro daqueles que desbravaram o mundo e realizaram o primeiro ideal de universalismo da espécie humana. (BASTOS, 2012).

Desta forma, após a chegada da Coroa Portuguesa e a idealização da colonização do novo território, foram tomadas medidas políticas de divisão territorial em capitanias hereditárias e posteriormente, devido ao descobrimento de jazidas minerais, especialmente do ouro, começou a expansão territorial para o seu interior.

É nesse contexto histórico que surge a idealização, por meio de fortificações, para delimitação do território brasileiro (ainda colônia de Portugal) frente as colônias espanholas. Dentro deste escopo, estudaremos especificamente a relevância histórica da construção do Real Forte Príncipe da Beira para a delimitação e proteção da fronteira oeste do território brasileiro.

Quais finalidades de “[...] uma das maiores construções portuguesas fora de Portugal” (GÓES, 2015, p. 50)? Quais objetivos a Coroa portuguesa almejava com tamanha fortificação? De fato, o Forte Príncipe da Beira determinou o limite do Estado de Rondônia para o Brasil, frente a Bolívia?

Através de estudos bibliográficos documentais e entrevista com historiador, este presente artigo tem por finalidade apresentar, qual a relevância histórica do Real Forte Príncipe da Beira, na configuração do limite fronteiro entre Brasil – Bolívia.

1.2 OBJETIVOS

Apresentar a importância estratégica da idealização e construção do Real Forte Príncipe da Beira, pela Coroa Portuguesa, como forma de determinar uma linha de defesa frente a possíveis invasões espanholas em nosso território. Sistematizando a pesquisa da seguinte forma:

- a. Apresentar a forma de defesa estabelecida pelos Portugueses do Litoral à Amazônia;
- b. Apresentar sobre o processo de construção do Real Forte Príncipe da Beira e as dificuldades enfrentadas à época (ano de 1777);
- c. Apresentar sobre a redescoberta do Real Forte Príncipe da Beira, no ano de 1911 pelo Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon e sua importância nos dias atuais.

1.3 JUSTIFICATIVAS E CONTRIBUIÇÕES

A presente pesquisa se justifica em virtude da importância da história da Defesa do Brasil, face a todo processo de colonização e delimitação do território brasileiro, bem como o entendimento e valorização dos feitos do passado para a configuração atual das demarcações fronteiriças do Estado de Rondônia;

A Amazônia Ocidental é uma importante parte do território nacional constituída dos estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima que foi consolidada como brasileira durante séculos de expedições, lutas e diplomacia. Das terras banhadas pelo rio Acre, passando por Santo Antônio do Madeira e Tabatinga, e alcançando o Planalto das Guianas essa vasta região é porção indissociável do Brasil. (GÓES, 2015, p. 63).

Dessa forma, enfatiza – se a importância da idealização da Coroa Portuguesa ao longo dos séculos XVII e XVIII, em defender militarmente, a faixa de fronteira ocidental do Estado Brasileiro, por meio de construções de fortificações, em especial o Real Forte Príncipe da Beira.

Ademais, apresentar suas consequências e repercussões no século XX e XXI, com a consolidação militar na faixa de fronteira compreendida entre o Rio Guaporé, delimitando os limites entre Brasil e Bolívia.

2 METODOLOGIA

A pesquisa terá início na revisão teórica do assunto, através de consulta bibliográfica e trabalhos científicos. O estudo será desenvolvido com base em pesquisa bibliográfica e documental.

Compreenderá relatos dedutivos dos conhecimentos escritos pelos historiadores, tentando atingir a realidade de nossa fronteira oeste com base nos feitos de nossos antepassados, empregando táticas de defesa em expectativa de conflito entre as Coroas Portuguesas e Espanholas.

A intenção é elaborar um trabalho que contenha uma abordagem histórica, buscando autores para uma exploração mais detalhada sobre a formação de nossa fronteira, contando também com a experiência *in loco* no ano de 2015, quando no comando do 1º Pelotão Especial de Fronteira Real Forte Príncipe da Beira/Comando de Fronteira Rondônia 6º Batalhão de Infantaria de Selva, contata - se a grandiosidade dos feitos dos antepassados na construção e manutenção da Forte, além de poder contar com diálogos constantes de historiadores como Hércules Góes e Lourismar da Silva Barroso. Desta forma, concluir sobre o legado deixado pela construção do Real Forte Príncipe da Beira no século XVIII.

2.1 REVISÃO DE LITERATURA

Durante o século XVIII, a porção oeste da Colônia de Portugal foi deixando de ser desconhecido, devido as jazidas de minério, especialmente o ouro encontrado ao longo do Rio Guaporé, segundo Emanuel Pontes Pinto: *a área geográfica até então conhecida como Madeira Guaporé passou no século XVIII a perda de seu anonimato, expressão política e histórica adquirir referência e identidade, deixando de ser rumo para a tornar região* (PINTO, 1993, p.29).

Com a descoberta do ouro no Vale do Guaporé em 1734, pelos irmãos Arthur e Fernando Paes de Barros atraíram milhares de aventureiros para a região levando a Coroa Portuguesa a criar em 1748 a Capitania de Mato Grosso e Cuiabá, que abrangia a maior parte das terras que hoje integram o Estado de Rondônia (TEIXEIRA; FONSECA, 1998, p. 47).

O que implicava ainda mais nas disputas territoriais, ainda sem demarcações concretas, entre Espanha e Portugal que reconheciam o desprezo pelas demarcações firmadas pelo Tratado de Tordesilhas. Dessarte, ambas Coroas assinaram em 1750 o Tratado de Madrid, tendo como base de acordo a ocupação efetiva do território (*Uti Possidetis*).

Mesmo com o avanço das Bandeiras, observa – se que não só os portugueses visavam à exploração do ouro na região. Os espanhóis também pretendiam explorar essas riquezas, e para marcar presença no local, estabeleceram missões jesuítas ao longo do rio Guaporé e de seus afluentes, gerando uma série de conflitos. (GÓES, 2015, p. 101).

Observa – se que, em virtude da descoberta e exploração do ouro no Vale do Guaporé, tanto portugueses e espanhóis travaram conflitos pela ocupação das marges do Rio. Despertava então o sentimento de Portugal em ocupar, preservar e defender a linha de fronteira imaginária entre ambas Coroas.

Em 1772, o então governador da Colônia do Mato Grosso, Capitão General Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, tinha a missão de executar o plano da Coroa Portuguesa de dominar as duas margens do rio Guaporé para manter afastados os espanhóis e assegurar o controle total das minas do Guaporé e Tanquinho (atual Mateguá, Bolívia), garantindo caminho seguro pelos rios Guaporé, Mamoré e Madeira, assegurando assim o monopólio da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão. (GÓES, 2015, p. 101).

2.2 COLETAS DE DADOS

O instrumento empregado por ocasião das investigações científicas realizadas na presente pesquisa será a análise de documentos e a interpretação das diversas bibliografias sobre o tema.

Entrevista com o Sr. Lourismar da Silva Barroso, historiador e autor de obras relativas sobre o assunto.

2.2.1 ENTREVISTA

Com a finalidade de ampliar o conhecimento teórico e identificar experiências relevantes, foi realizada entrevista exploratória com especialista no assunto, Sr LOURISMAR DA SILVA BARROSO.

DADOS RELEVANTES DO ENTREVISTADO

Nome completo, Experiências Profissionais relevantes, Cursos e Estágios inerentes à área de estudo.

LOURISMAR DA SILVA BARROSO – Licenciado em História pela Universidade Federal de Rondônia/UNIR (2004); Especialista em Arqueologia

da Amazônia pela Faculdade São Lucas (2011); Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) (2015). Atualmente: Docente da rede estadual de educação do estado de Rondônia (1997); Integrante do Grupo de Pesquisa Índio Afro amazônico (GEPIAA/UNIR – 2000); Membro associado do Museu Imperial de Petrópolis (RJ – 2011); Vice-presidente da Academia de História Militar Príncipe da Beira com posse em 2016. Comenda Cavaleiro da Ordem do Mérito Marechal Rondon (2018); Amigo da 17ª Brigada de Infantaria de Selva de Porto Velho (2019); Comenda Colaborador Emérito do Exército Brasileiro (2019); Escritor da História patrimonial de Rondônia, com as relevâncias obras:

AUTORIA

- 1- Real Forte Príncipe da Beira; ocupação oeste da capitania de Mato Grosso e seu processo construtivo (1775-1783).
- 2- Humaitá, memória de um povo
- 3 - Resumo histórico do Real Forte Príncipe da Beira
- 4 - Real Forte Príncipe da Beira, sentinela avançada

COAUTORIA

- 1 - Afros e Amazônicos – estudos sobre o negro e o indígena na Amazônia.
- 2 - O exército nas terras de Rondon, raízes históricas.
- 3 - A escola, o digital, o analógico: confluência dos mundos.

EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS RELEVANTES

Professor de pós-graduação da Faculdade Católica de Rondônia; Faculdade Santo André do município de Presidente Médici; professor Enadista da Faculdade FIMCA. Projeto de extensão na Faculdade São Lucas e Faculdade Sapiens. Faculdade UNIRON. Atualmente é professor do projeto ensino Médio mediado por tecnologia (SEDUC).

QUESTIONAMENTOS

1. Qual era a intenção da Coroa Portuguesa na expansão continental, durante o século XVII? Quais estímulos levaram os Portugueses a realizarem diversas incursões para o interior de sua colônia?

A referida situação de expansão continental teve seu reverso após a União Ibérica (1580 – 1640), quando os franceses que eram fortes concorrentes dos portugueses, passaram a ter outro olhar para o Brasil, que era pequeno perante o mundo, mas não para os mercadores europeus que logo se tornaram íntimos dos tupis quanto os conquistadores da terra. Desse modo, os desafios enfrentados pelos portugueses e espanhóis nos continentes africanos e asiáticos, serão pequenos diante dos desafios que

enfrentariam ao colonizar a América.

Uma dos estímulos para o reconhecimento da expansão portuguesa rumo ao centro oeste da colônia, foi o sistema de “entradas”, muito utilizada pelos colonos. Esse sistema diversificava-se consistindo ora em expedições de “resgate”, entradas de missionários para a catequese do nativo ou em expedições exploratórias de determinados rios.

Os estímulos que levaram Portugal a fazerem incursões para o interior da colônia foi quando Pedro Teixeira e Gaspar de Freitas de Macedo afundaram em 1616 um patacho holandês próximo ao Forte do Presépio, mantendo ali o controle da região. Em 1648 registrou-se o último ataque aos holandeses executado por Sebastião Lucena de Azevedo, Capitão-mor do Pará, que destruiu as fortificações feitas por ingleses em 1686 e ocupadas por franceses em 1697 nos lagos da região do Macapá, marcando assim o fim da trajetória dos ingleses e holandeses na América e Amazônia. (BARRETO 2010)

2. Como se desenhava os limites entre a Coroa Espanhola e Portuguesa. Como o Tratado de Madri fixava os limites entre as Coroas?

De acordo (Reis, 1982), o que foi estabelecido pelo tratado de Tordesilhas em 1494, deixou claro que a região norte do atual Brasil se enquadraria em quase toda sua totalidade, na área reconhecida à Espanha. Portugal tinha direito apenas a uma fatia do litoral. Em consequência, a Amazônia portuguesa reduzia-se a chamada região bragantina, que era muito pouco para Portugal.

Temendo pelo estado em que a Amazônia se encontrava em área predominantemente espanhola segundo o Tratado de Tordesilhas, os portugueses foram moldando a região dentro de um espaço onde essa soberania era duvidosa tendo em vista a união das Coroas Ibéricas.

É possível notar que com o avanço dos portugueses segundo Sérgio Buarque de Holanda, em direção à fronteira oeste vindo pelo litoral, cobriu uma extensão do mundo desconhecido e inexplorado da colônia, sendo rápida e concretizada sem grandes contingentes humanos, resultou numa nova fronteira, aquela primeira, do núcleo do Presépio (HOLANDA, 2010, p. 288), portanto aquela que se fixou próxima da linha de Tordesilhas, já não satisfazia e nem agradava mais os Portugueses, ficando sem sentido.

O Tratado de Madri 1750 acabou modificando a fronteira, resultando na ocupação efetiva dos luso-brasileiros pelo *Uti Possideti*. Todos os tratados celebrados foram arrancados de Portugal como resultado da conjuntura europeia criada pela Grande Revolução em menosprezo aos títulos portugueses, o que significa êxito dos propósitos imperialistas franceses sobre a Amazônia (REIS, 1982).

3. Em que momento da história houve a idealização da Coroa Portuguesa, na implantação de Fortalezas ao longo da fronteira Oeste. Especificamente, como se deu a idealização portuguesa na construção do Forte Príncipe da Beira?

Foi durante o período colonial, que a Amazônia permaneceria fechada aos estrangeiros. Tal medida foi alcançada pelo estabelecimento de um sistema de fortificações que visava a impedir o contrabando de recursos naturais, assim como a instalação de fortes ou vilas por intrusos de outros países, como exemplo tem os ingleses que chegaram à calha amazônica, adentraram e lançaram suas bases de área colonial, que além de incursões esporádicas ocuparam durante anos boa parte da colônia, instalando-se em Pernambuco e daí estenderam sua conquista para o norte do maranhão e após a restauração da independência os mesmos foram expulsos definitivamente em 1654.

Desta forma as fortificações criadas pelos portugueses podem ser representadas como estrutura arquitetônica construída com fins militares para defesa de um território, podendo ser permanentes, construídas com materiais resistentes, como pedra e cal, geralmente a mando da coroa através de Ordem Régis e as provisórias edificadas no meio de um combate, adotando materiais de uso limitado da região, como madeira, palhas ou terra.

A idealização da construção do Real Forte se deu com a decisão de ocupar a região do Guaporé, os portugueses não mediram esforços em levar para o oeste da colônia a presença da coroa portuguesa como marco definidora da fronteira, onde estavam aptos a resguardar aquela região, mesmo sabendo que enfrentaria como obstáculos os seus habitantes primitivos e naturais daquela terra, assim como as moléstias tropicais.

4. Como ocorreu a construção de uma das maiores Fortalezas erguida pela Coroa Portuguesa, quais as principais preocupações da Coroa, durante as obras de construção?

O desafio da construção do Real Forte coube ao 4º governador de MT, Dom Luiz de Albuquerque, que mesmo sem o apoio da coroa e de seu ministro Marquês de Pombal, deixou seu legado na construção dessa obra arquitetônica militar feita por negros, índios e militares portugueses fora da Europa, considerada hoje a maior fortaleza das Américas, sendo imponente e grandiosa obra d'arte, construída conforme os preceitos da arte de guerra. A matéria prima utilizada em sua construção, quase todas foram

encontradas no próprio local, com exceção do ferro que veio da capitania de Mato Grosso e parte da pedra cal veio da capitania do Grão-Pará e Mato Grosso.

A coroa contou com a mão de obra especializada de brancos, escravos que foram trazidos de várias capitanias da colônia, como Belém, São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso. A mão de obra indígena era uma preocupação da coroa que procurou qualificar e instruir os nativos para diferentes tarefas e ofícios, alguns índios aprenderam o ofício das tarefas empregadas na construção das fortalezas como serviço de carpinteiro, de ferreiro, de serralheiros, dentre outros. Não esquecendo que houve a participação de trabalhadores livres, como os escravos de ganho. O militarismo foi outra opção para engrossar esse contingente de operários e sua composição obedecia a critérios dentro de uma hierarquia que segue aos dias atuais, compondo a chamada nobreza de terra que irá formar a elite colonial.

5. Existia alguma expectativa de invasão Espanhola na porção Oeste dominada pela Coroa Portuguesa?

Sim, no dia 5 de maio de 1763, os espanhóis atacaram a missão de São Miguel usando duas canoas e dez soldados, tendo os negros e pedestres enterrados as pessoas que foram mortas, e no dia 8 de maio do mesmo mês, atacaram novamente a aldeia de São Miguel que aprisionaram o pedestre João Roz e Francisco Espírito, junto a eles estavam 100 almas. A ideia era trocar os prisioneiros portugueses por mantimentos.

Os espanhóis queimaram algumas casas e aprisionaram alguns pedestres e índios, construíram para eles duas malocas e remeteram pelo rio Itonamas acima para a missão de Madalena. Na segunda turma que ia mais atrás, levavam muitos amarrados e com grandes recomendações, dois pedestres, aventureiros, dois índios do Pará. Atacaram o bando, matando 50 índios e dois crusenas próximos a São Miguel.

O ataque espanhol foi uma consequência desse estado de incerteza. Os choques armados não deram, porém, vitória a qualquer dos contendores. Por fim, recebida a comunicação da paz entre as duas monarquias, retiraram-se os espanhóis, sem os resultados que imaginavam. E isso porque D. Antônio Rolim de Moura não lhes entregou um só palmo da terra que estava governando.

6. É possível afirmar nos dias de hoje, que o Forte Príncipe da Beira foi condicionante fundamental para a consolidação da porção oeste de nosso país?

Sim, pois o processo de consolidação e expansão da fronteira foi intensificado a partir das políticas agressivas implantadas pelo primeiro ministro português, Dom Sebastião Carvalho e Melo (1750-1777), que em sintonia com a coroa portuguesa, houve condições para a realização dessa mudança, tornando os capitães gerais da Capitania de Mato Grosso aliados fieis na execução dessa tarefa. O apoio do Primeiro-Ministro foi o combustível que gerou a mudança na Capitania, mas devido à falta de técnica adequada para explorar o ouro, não houve uma preocupação em racionar a retirada desse metal. O Real Forte é visto como o mais espetacular da Capitania do Mato Grosso e Cuiabá, estando hoje localizado na margem direita do rio Guaporé, atual município de Costa Marques em Rondônia, a 12º, 36' de latitude sul e 21º. 26' 28" de longitude oeste. Situado a um quarto de milha abaixo do antigo Forte da Conceição, arruinado pelas enchentes de 1771. A obra foi levada a cabo por iniciativa do quarto governador da Capitania de Mato Grosso, Dom Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres entre os anos de 1775 a 1783, ano em que foi inaugurado sem nunca ter sido, realmente, concluído. Incrustada nos limites de fronteira entre o atual Brasil e a vizinha Bolívia a obra é considerada uma das maiores edificações da engenharia militar portuguesa no Brasil Colonial, fruto da diplomacia da Era Pombalina a partir dos Tratados assinados entre Portugal e Espanha nos anos de 1750, 1761 e 1777.

7. Por fim, deixo o Sr. à vontade para considerações finais a cerca da importância do Forte Príncipe da Beira para a História do Brasil, em especial sobre a delimitação de nossa fronteira oeste?

Construído na fronteira oeste entre Portugal e Espanha, os trabalhos no Real Forte começaram em 19 de abril de 1775, ainda no governo de D. José I, sendo seu Primeiro Ministro Dom Sebastião José de Carvalho e Melo, o primeiro engenheiro da obra foi Domingo Sambocete que morreu de malária em 1777, Sambocete resolveu fixar no local escolhido pelo governador da Capitania de Mato Grosso Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, a dois quilômetros acima de onde foi construído o destacamento de Nossa Senhora da Conceição/Bragança, com uma dimensão de 970 metros de perímetros, com quatro baluartes, cada um equipado para receber 14 canhões, muralhas laterais mede 7,20 metros de altura, seu portal mede 10 mt, a matéria prima usada foi a pedra canga, 15 residências para abrigar os militares que compunham sua guarda e um fosso interno que serviria de cisterna para abastecer sua população.

Com a decisão de ocupar a região do Guaporé, os portugueses não mediram esforços em levar para o oeste da colônia a presença da coroa portuguesa como marco definidora de fronteira, onde estavam aptos a resguardar aquela região, mesmo sabendo

que enfrentaria como obstáculos os seus habitantes primitivos e naturais daquela terra, assim como as moléstias tropicais.

O abandono do Real Forte já era sentido em 15 de abril de 1815, quando Manoel Rodrigues Ferreira relata que “a guarnição do forte estava composta de um cadete servindo de sargento e dez soldados, dos quais quatro estão destacados nas pedras e três no Itonamas, ficando três para o serviço do Forte” (FERREIRA 1961). Com um número cada vez reduzido de militares para guardar a fronteira, ao surgir à República em 15 de novembro de 1889, assim como toda doutrina triunfante, passou a oficializar uma história cujo objetivo era criar um repúdio ao regime anterior, a monarquia. Seu abandono marcou a passagem do Império para a República.

Com o surgimento da República (1889), os últimos militares que resguardavam a fortaleza foram retirados, abrindo espaço para os bolivianos da fronteira atravessarem o rio Guaporé e passassem a saquear o que via pela frente, retiraram as telhas, o madeiramento do telhado, a imagem de Nossa Senhora da Conceição que ficava no altar da capela, o sino, as pesadas portas, piso da construção feita de tijolos, levando tudo que podia saquear.

Em um período de 50 anos, o Príncipe da Beira ficou totalmente esquecido na região de fronteira, até ser reencontrado pelo marechal Rondon em 1911 em uma de suas missões pela Amazônia. Tão logo foi revelada sua redescoberta pela Comissão Rondon, o forte foi ocupado pelo exército brasileiro em 1930 e em agosto de 1950 foi tombado IPHAN sob o registro Nº 395 como Patrimônio Nacional, sendo o exército seu guardião e que o conserva até os dias atuais, buscando conscientizar os moradores locais e os visitantes da sua importância histórica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa desenvolvida sobre o tema histórico da representatividade do Real Forte Príncipe da Beira na delimitação da fronteira Brasil – Bolívia indicam a relevância clara e evidente a cerca da importância do conhecimento de nossa história, os primórdios de nossa constituição como um país com dimensões continentais, ainda nos tempos de colônia de Portugal.

Diversos tratados foram assinados com o objetivo de evitar conflitos e dividir o novo mundo, recém-descoberto, entre as coroas Ibéricas. Em destaque o Tratado de Tordesilhas (1494), Tratado de Madri (1750) e o Tratado de Santo Idelfonso (1777). Entretanto, tais medidas foram ineficientes para evitar invasões da Coroa Espanhola na tentativa de angariar territórios portugueses praticamente inabitados na porção oeste do novo continente.

Deve – se levar em consideração a importância da região do Guaporé, devido as suas minas de ouro e a importância estratégica da época de se alcançar o Oceano Atlântico através navegações dos Rios Amazônicos.

Assim que foi encontrado ouro na região do Guaporé em 1734 pelos irmãos Arthur e Fernando Paes de Barros, a coroa portuguesa teve suas preocupações voltadas para as minas do Guaporé que ficando próximo da capitania de Mato Grosso, davam acessos as minas de Cuiabá, a passagem pelo Guaporé preocupava a coroa que decidiu balizar aquela fronteira com a criação da Capitania de Mato Grosso em 1748 e conseqüentemente a construção de duas fortalezas, a de Coimbra (1775) e do Real Forte Príncipe da Beira (1775), assegurando assim suas riquezas e domínio na região oeste daquela capitania, deixando os espanhóis descontentes com suas atitudes. (BARROSO, 2015, p. 92).

Conforme entrevista com o Professor Lourismar Da Silva Barroso, os Portugueses não mediram esforço em levar à oeste da colônia a presença da Coroa como marco definidor de fronteira, onde estavam aptos a resguardar aquela região, mesmo sabendo que enfrentaria como obstáculos os seus habitantes primitivos e naturais daquela terra, assim como as moléstias tropicais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises bibliográficas e entrevista com o historiador Lourismar da Silva Barroso, compreendemos a importância histórica para nossa Nação do esforço despendido pelos nossos antepassados para a concretização de uma das maiores Fortaleza Militares construídas pela Coroa Portuguesa em território estrangeiro.

O Real Forte Príncipe da Beira nasceu de um ideal português para a marcação territorial de sua Colônia, quando Dom Rolim de Moura “[...] *procurou erguer um destacamento militar para resguardar a área, que diante da insegurança que se encontrava a fronteira oeste da Capitania de Mato Grosso*” (BARROSO, 2015, p. 31).

Em 1757 enviou um destacamento para o local conhecido como “sítio das Pedras”, abaixo da foz do rio Mequens, com a intenção ostensiva de intimidar os espanhóis. Em 1760 fundou, cerca de dois quilômetros abaixo da antiga Santa Rosa, um forte a que deu o nome de Forte de Nossa Senhora da Conceição. (MEIRELES, 1989, p.134).



Figura 02 – Forte Nossa Senhora da Conceição
Fontes: NUNES, José Maria de Souza. Fundação Odebrecht – 1985 p. 141

O Forte de Nossa Senhora da Conceição não duraria por muitos anos, vindo a sucumbir diante das diversas enchentes do Rio Guaporé. Entretanto, a preocupação portuguesa em ocupar militarmente a região era tamanha que *“Em 1773, deu – se a inspeção do local onde seria construído, pelo Governador da Província Capitão Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, a nova fortaleza[...]”*(GÓES, 2015, p. 22).

Desta feita, em 1776 foi lançado a pedra fundamental da construção e em 1783 a inauguração desta arquitetônica Fortaleza Militar. Estabelecendo assim, a presença física da Coroa Portuguesa e a delimitação de nossa fronteira oeste.

Como legado da marcante presença militar portuguesa, destaca – se que:

“[...] foram instituídos os Contingentes Especiais de Fronteira, em 23 de setembro de 1932, por meio de aviso ministerial nº 518. Naquela oportunidade, foram criados os Contingentes Especiais de Fronteira de Porto Velho e de Guajará – Mirim, com 33 militares cada, e o do Real Forte Príncipe da Beira, a 18 militares. Todos esses efetivos eram oriundos do 27º Batalhão de Caçadores, atual 1º Batalhão de Infantaria de Selva, situado em Manaus-AM.” (GÓES, 2015, p. 64)

Embrião da 17ª Brigada de Infantaria de Selva, situada em Porto Velho; do Comando de Fronteira Rondônia 6º Batalhão de Infantaria de Selva, em

Guajará – Mirim/RO; e do 1º Pelotão Especial de Fronteira, Real Forte Príncipe da Beira, situado em adjacência à Fortaleza na cidade de Costa Marques/RO.



Figura 03 – Forte Príncipe da Beira

Fonte: GÔES, Hércules. A Odisséia da Ocupação Amazônica O legendário Rondon 150 ANOS MARECHAL DA PAZ: REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA – RO. Santos – SP, 2015 p. 21.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Tarso. NESTE DIA, EM 1500, O BRASIL ERA DESCOBERTO POR ESPANHÓIS. Disponível em

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticia/terra-brasilis/nao-foi-cabral.phtml>> Acesso em 18 de março de 2019.

BARROSO, Lourismar Da Silva. REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA: ocupação oeste da Capitania de Mato Grosso e seu processo construtivo (1775 – 1783). Editora Versos Serenos. 2015.

BASTOS, Maria. As Grandes Navegações Portuguesas e a Conquista das Águas Profundas pelo Brasil. Disponível em <http://ecen.com/eee87/eee87p/navegacoes.htm#_Toc343872201>. Acesso em 18 de março de 2019.

GÓES, Hércules, A Odisséia da Ocupação Amazônica O legendário Rondon 150 ANOS MARECHAL DA PAZ: REAL FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA – RO. Santos – SP, 2015

JESUS, Nauk. O Governo Local Na Fronteira Oeste. Editora UFGD. 2011.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues e Dantas Fonseca. História Regional (Rondônia). 2ª Edição. Editora Rondoniana. 2000.